

Telles, Lygia Fagundes. *As Horas Nuas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989. 224 páginas.

O que sempre surpreende na ficção de Lygia Fagundes Telles é a naturalidade com que a linguagem narrativa costura e justapõe episódios. Preferindo o ponto de vista móvel, mas narrando em primeira pessoa, o narrador refuta o tom confessional, optando pela riqueza de estímulos que chegam às raias de um estilo caleidoscópico.

Isso caracteriza *As Horas Nuas*, o romance mais recente da escritora. Afirmado sua condição de primeira dama da literatura brasileira contemporânea, Lygia acentua e amplia seu domínio ficcional, criando um texto em que o enredo se urde, cada vez mais, pela linguagem associativa de personagens simultâneas.

Rico em metáforas, o romance não representa ruptura com a obra anterior, como tem parecido a parte da crítica. Nele o leitor reencontra as mesmas preocupações presentes em outros textos, sobretudo em *As meninas* e em alguns contos de *Antes do Baile Verde*. A competência de Lygia e sua habilidade em lidar com o psicológico dispensam-na de contar histórias, oferecendo a seus leitores uma composição densa em que a inquietação, as perplexidades e os desencontros individuais – temas quase obsessivos em sua obra – chegam a situações-limites.

Rosa Ambrósio, atriz bêbada e decadente, será o primeiro elo de uma cadeia de reminiscências que, num ritmo enlouquecido e ágil, irá compor todo um quadro “Fin-du-Siècle”: mas de um Século Vinte brasileiro, em que os problemas sociais se alojam nas consciências e não precisam mais de serem denunciados. Toda a ação – e existe um predomínio comportamental, quase behaviorista, no modo como Lygia cria e apresenta personagens – reflete essa era de “décadence”, da qual a própria Rosa seria uma metáfora. Vidas poluídas, praças poluídas, lembranças poluídas, a própria dignidade das pessoas sendo aos poucos aviltada por sua

impotência. Rosa Ambrósio bêbada, caída em meio à roupa suja, no carpete do quarto, procura conviver com suas perdas: a juventude e a beleza, os afetos, as pessoas, a própria memória que se esvai e se fragmenta. Reparte com ela a narrativa Rahul, um gato com sentimentos humanos, que vivera como homem em outras vidas e que também esgravata esse passado, teme a morte e o futuro numa inquieta metafísica felina.

As diferentes leituras que *As horas nuas* suscita, desde o primeiro e lúdico momento de encanto com a linguagem sedutora da romancista até o encontro emocionado com o texto, deixam sempre claro que sua natureza é questionadora e instigante. Personagens variadas – como Gregório, o marido intelectual e sensível, que perscruta a vida através de um telescópio, Cordélia, a filha frívola e desencontrada, e Diogo, o jovem secretário e atlético amante – têm em comum tenderem ora para um, ora para outro pólo: o claro e o escuro, a vida e a morte. E entre esses desaba Rosa em sua decadência, tentando compreender o tecido com que se engendram essas passagens.

Dentro do estilo caleidoscópico de representação da vida, o corpo alcança plenitude como símbolo. Todas as personagens, de algum modo, vivem-no como invólucro de outro “corpo sutil”, transitório e perene, símbolo da própria dicotomia humana. Rahul, o gato, testemunha as presenças corpóreas, transgredindo os limites da morte. Rosa é atriz, aprendeu com as primeiras perdas – a morte de Miguel, o primo amado, o desaparecimento do pai – que a vida é farsa e representação. O apego ao corpo, que a trai e agride porque se transforma com a idade, é quase uma tentativa narcisística de sobrevivência. E a visão ambivalente que subjaz ao corpo corroído pela velhice e pelo álcool encontra correspondência no gato cético e agnóstico que desfolha suas vidas passadas como se fossem camadas superpostas. Já Ananta Medrado, a psicanalista de Rosa – personagem estranha, aparentemente desconectada do texto – asséptica no seu uniforme branco –, representa, ao final, a ruptura. Vivendo os limites entre a realidade e a fantasia, Ananta descobre que o Vizinho do andar de cima, à noite, transmuta-se em Cavalo, numa longa e dolorosa metamorfose. Habituada a conviver com o medo, cria um código amoroso próprio e descobre-se aguardando, ansiosa, aqueles momentos de alucinação e encanto.

Lidando mais uma vez com emoções insólitas, a temática de Lygia se aprofunda para a análise das metamorfoses, das transformações que marcam a trajetória do homem da vida para a morte. Gregório suicida-se porque não suporta conviver com a doença que poderá deformá-lo; Cordélia namora os velhos e realiza-se na sua impotência. O trabalho de Ananta consiste em auxiliar as pessoas a conviver melhor com suas realidades, conhecer-se sob as diversas camadas com que cada ser se recobre. Quando Ananta desaparece, a fantasia afirma-se sobre a realidade. O moinho interior de cada um, encarregado de produzir a carga diária de energia, nunca se revela claramente. A morte a extingue. Rahul, o gato, testemunha a morte, ambiciona conhecê-la, mas permanece incomunicável na sua lucidez de bicho:

“Fiquei pensando que entendimento podia haver entre pessoas e bichos, se entre pessoas da mesma fala era só desencontro.”

Impotente ante o suicídio de Gregório, a quem amava, Rahul busca transpor o limite entre a vida e a morte:

“Subi na cadeira de Gregório, recolhi as patas e fiquei. Teria que descobrir a morte enquanto vivo, antes de entrar no labirinto de onde só poderia sair morrendo de novo. Para retornar – quem sabe, na poeira de outras vidas. (. . .)”

Se à primeira vista os episódios do romance parecem justapostos num clima turvo, fruto dos desvarios, da embriaguês e da loucura, a reflexão a que forçosamente obrigam impõe a unidade da obra: perdas, decadência, velhice são situações que ameaçam as personagens. Abandono, tortura, doenças, a miséria humana encaminham a narrativa para o *medo*, mais uma vez a grande personagem de Lygia Fagundes Telles. Em Rosinha, Rosona, Rosa, Rosae o medo afogado no uísque é daquilo que não conhece e não controla, dos seus aspectos mais sombrios, da solidão, da própria coragem – ou falta desta – de enfrentar a vida e a morte.

As Horas Nuas é uma obra que despreza a lógica; capaz, portanto, de repelir críticas ou leituras conclusivas. Realismo fantástico em versão inovadora, ao mesmo tempo que permite indagar do mundo, amplia a investigação individual sobre o amor e o medo. Mas a inquietação, no romance, vai além: será a morte o

limite da vida ou uma imposição de nossa consciência sensível? O medo, que faz parte da natureza humana, é paradoxalmente sua contingência. A contradição reside na capacidade de enfrentamento e resistência de cada um.

Quando Ananta se surpreende mulher, pela alusão à sua bela cabeça, examina-se e descobre que possui um corpo:

“Deslizou as pontas dos dedos pelos botões do avental, e foi até a cozinha, onde estaria o mel?”

Numa linguagem solta, em que a delicadeza do detalhe gratifica o leitor, sem jamais torná-la artificiosa, Lygia preenche espaços com símbolos e metáforas: o mel e as orquídeas.

“Quando voltou à sala, inclinou-se para os potes de orquídeas. Mais um botão abria suas pétalas acetinadas que destilavam um perfume roxo-úmido. Recolheu uma folha murcha que pendia do caule como uma língua queimada. Fechou a folha na mão. Inútil (e tola) a tentativa de transformar a realidade em fantasia (. . .)”

Metáfora ou representação da sexualidade feminina, a orquídea é o inverso de Ananta que passa a vida fechada, a ouvir, solitária, Bach e Chopin. Até que se descobre e desaparece.

Escritora sutil, que constrói personagens desde a primeira linha, Lygia é dona de um estilo encantatório. Desprezando, desta vez, a estrutura tradicional com que acostumara seus leitores, permite-se escrever mais solta, descontraída e corajosa.

Lea Masina
Instituto Estadual do Livro